

A Revista Bem-te-vi e o projeto civilizatório metodista nas mãos da criança brasileira

Claudia Panizzolo*

Resumo:

Os missionários e educadores norte-americanos, fundadores de igrejas e de escolas metodistas no Brasil, entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, apresentavam como missão a implantação da civilização, dos hábitos e dos costumes protestantes no país escolhido como campo para sementeira da Palavra de Deus. Além da fundação dos colégios, o projeto civilizatório metodista previa alcançar a alma das crianças, por meio da criação de uma revista voltada a elas, a *Revista Bem-te-vi*. Este trabalho tem por objetivo compreender a construção e a difusão da imagem de criança impressa nas páginas da Revista. Os resultados alcançados evidenciam os planos metodistas para estabelecer uma infância civilizada e as práticas empreendidas nessa direção.

Palavras-chave:

Revista Bem-te-vi; crianças; história da infância; imprensa periódica; metodismo.

* Doutora em Educação: História, Política, Sociedade pela PUC-SP. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas: Infância, Cultura e História – GEPICH. Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, Guarulhos - São Paulo.

The *Bem-te-vi Magazine* and the methodist civilizing project in the hands of brazilian children

Claudia Panizzolo

Abstract:

American missionaries and educators were founders of Methodist schools and churches in Brazil, between the second half of the nineteenth century and the first decades of the twentieth century; they had as mission the establishment of Protestant civilization, habits and customs in any country chosen as field for sowing the Word of God. In addition, the Methodist civilizing project planned to reach the soul of children through a magazine aimed at them: the *Bem-te-vi Magazine*. The purpose of this article is to understand the construction and dissemination of child image printed on the pages of the Magazine. The results obtained show the Methodist plans to establish a civilized childhood and the practices undertaken in this direction.

Keywords:

Bem-te-vi Magazine; children; childhood history; periodical press; Methodism.

La *Revista Bem-te-vi* y el proyecto civilizatorio metodista en las manos del niño brasileño

Claudia Panizzolo

Resumen:

Los misioneros y educadores norteamericanos fundadores de iglesias y de escuelas metodistas en Brasil, entre la segunda mitad del siglo XIX y las primeras décadas del siglo XX, presentaban como misión la implantación de la civilización, de los hábitos, y de las costumbres protestantes en el país elegido como campo para la siembra de la Palabra de Dios. Además de la fundación de los colegios, el proyecto civilizatorio metodista preveía alcanzar el alma de los niños, por medio de la creación de una revista dirigida a ellos, la *Revista Bem-te-vi*. Este trabajo tiene por objetivo comprender la construcción y la difusión de la imagen del niño impresa en las páginas de la Revista. Los resultados alcanzados muestran los planes metodistas para establecer una infancia civilizada y las prácticas emprendidas en esta dirección.

Palabras clave:

Revista Bem-te-vi; niños; historia de la infancia; prensa periódica; metodismo.

Introdução à educação metodista no Brasil: evangelizar, modernizar e civilizar

A Revista mensal *Bem-te-vi*, um dos primeiros periódicos voltados ao público infantil no Brasil, foi criada em 1922, o que, segundo Sokoloswki e Malusá (1996, p. 64), “[...] não ocorreu por acaso, no mesmo ano da Semana de Arte Moderna [...]”, mas, sim, como expressão do intento cultural presente nos princípios metodistas¹. A iniciativa de uma publicação para as crianças, de acordo com Almeida (2003), já havia sido tentada em 1886, com a revista *Nossa Gente Pequena*, sob responsabilidade do missionário J.J. Ranson. No entanto, após vida breve, tal revista foi retomada como a *Revista Bem-te-vi*.

Publicada pela Imprensa Metodista, a Revista apresenta um ciclo de vida longo, sendo publicada até os dias de hoje, porém com outro perfil. Quando de seu nascimento, destinava-se às crianças, especialmente às cristãs, independentemente da denominação religiosa. A partir de 1967, o projeto editorial da Revista foi revisto e a *Bem-te-vi* assumiu um caráter instrumental voltado à catequese metodista, tendo sua destinação especificamente voltada para uso nas aulas das escolas dominicais.

De acordo com Leila F. Epps, redatora dos anos iniciais da *Bem-te-vi*, a circulação da *Revista* atravessava todo o território brasileiro, indo do Amazonas ao Rio Grande do Sul, ultrapassando, inclusive, as fronteiras do país rumo “[...] à Argentina, Chile, Bolívia, México, Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, França, Suíça, Portugal e a África Portuguesa” (EPPS, 1926, p. 108).

A redatora expressa a preocupação com o conteúdo didático e com a qualidade do papel, de modo a despertar nas crianças um interesse crescente pela publicação: “Não queremos usar material barato na nossa revista, queremos-la sempre impressa em bom papel de modo que as bonitas gravuras realcem e possam assim atrair e agradar aos nossos amiguinhos” (EPPS, 1926, p. 108).

O estudo da *Revista Bem-te-vi*, de seus textos, seções e poemas

¹ A origem do metodismo está ligada à Igreja Anglicana, na Inglaterra. Data-se seu nascimento em novembro de 1729, a partir de um movimento que teria quatro jovens estudantes da Universidade de Oxford como protagonistas. Dentre esses estudantes, encontrava-se John Benjamin Wesley, que morreu anglicano, mas é considerado o pai do metodismo. O movimento metodista, que se organizara como uma associação destinada a promover o cumprimento fiel das diretrizes da Igreja Anglicana, contrariando a vontade do próprio Wesley, tornou-se uma igreja.

possibilita a compreensão das preocupações sociais da época, dos antagonismos e das filiações ideológicas, além da apreensão das práticas educativas de ordem escolar, social e moral e das representações da infância e das crianças. De acordo com Almeida (2003), dos textos publicados pela *Revista Bem-te-vi* emergem normas de convivência social e regras de condutas individuais e coletivas, consideradas pelos seus editores como pilares de uma sociedade ‘moderna’.

O Brasil do período, que abrange as décadas de 1870 a 1920, foi palco de uma importante transformação: a mudança do regime político-administrativo de Império para República. Embora o marco da Proclamação esteja fincado em 15 de novembro de 1889, é importante retroceder a 1870 para flagrar a diacronia republicana em momentos já de coexistência, ora de cooperação, ora de conflito, com a instituição monarquista. Por outro lado, é necessário avançar em direção às duas primeiras décadas pós-Proclamação para verificar as lutas e disputas, sobretudo as resistências expressas pelos adeptos do antigo regime.

Dentre as providências para a institucionalização da nova ordem política, os republicanos elegeram a escola para “[...] sinalizar a ruptura que pretendiam promover entre um passado sombrio e um futuro luminoso” (CARVALHO, 2003, p.143). Assim, eleita signo do progresso, a escola deveria tanto fazer ver a República inaugurada quanto deveria se dar a ver (CARVALHO, 2003). Pela escola, concretizar-se-ia e viabilizar-se-ia o novo regime e, para isso, seria fundamental formar o cidadão republicano como um homem novo, regenerado, civilizado, moderno, escolarizado e trabalhador.

Os anseios republicanos por formar esse homem novo com condutas compatíveis com a vida republicana, preparado para a nova sociedade industrial, urbana, moderna e científica em construção, e que, portanto, abandonaria os valores ultrapassados e decadentes ligados ao regime monárquico e à sociedade escravagista e agrária, encontraram na intensa circulação de novas tendências de pensamento – imortalizadas pela célebre frase de Silvio Romero (1910, p. 359): “[...] um bando de ideias novas [...]”, germinadas na Europa e nos Estados Unidos que aqui aportaram – um caminho concreto de efetivação. Essas ideias incluíam as religiosas, que pareciam novas porque veiculadas por práticas novas de instituições novas e que, por sua vez, distinguiam-se das práticas católicas, associadas por muitos com o Império.

Essas ideias religiosas, de modo geral, e metodistas, de modo particular, se propunham a promover a regeneração política, intelectual e espiritual dos brasileiros, formando uma população livre, trabalhadora, honesta e

obediente, tendo como modelo a ser seguido o dos Estados Unidos, e seus princípios republicanos e liberais. Tanto para a elite intelectual brasileira quanto para os missionários norte-americanos metodistas, à escola cabia a importante missão de transformar os habitantes em povo, regenerar o homem comum e salvaguardar o organismo nacional.

De acordo com Mesquida (1993), os princípios teológicos do metodismo convergem com os princípios do liberalismo dos séculos XVIII e XIX, ou melhor, foram apropriados do liberalismo. Nesse sentido, a graça universal de Deus pode ser pensada como o acesso ampliado a todos, as obras de misericórdia como sendo o trabalho que leva à santificação e à perfeição cristã, e que promove o progresso e, por fim, a liberdade de aceitar ou recusar a graça de Deus (denominada livre arbítrio), como os princípios da liberdade e do individualismo².

Para os metodistas, as nações mais evoluídas, destacadamente, os Estados Unidos, têm o dever de civilizar os povos atrasados do mundo. Ao colocar os Estados Unidos no centro da civilização, os metodistas legitimam o expansionismo norte-americano. Um artigo escrito pelo pastor metodista O. B. Super, publicado no *Methodist Review*, revista oficial da Igreja Metodista, apresenta um exemplo lapidar dessa concepção expansionista: “A mais importante lição da história da civilização moderna é que Deus apela ao anglo-saxão para conquistar o mundo para Cristo, aniquilando as raças mais fracas e assimilando as outras” (SUPER, 1890, p. 863).

O desenvolvimento econômico que sucedeu a Guerra Civil norte-americana era considerado pelos metodistas como manifestação da vontade de Deus e fruto do aperfeiçoamento da civilização cristã e interpretado como expressão do Reino de Deus: “[...] o mesmo Deus que conduziu Israel, guia, hoje, os Estados Unidos, e os princípios que serviam de fundamento para o povo hebreu regem o nosso país aqui e agora” (MENDENHALL, 1893, p. 459) A ideia de um povo eleito por Deus, herdada do judaísmo, desdobrar-se-ia no destino manifesto, expresso por meio da missão de salvar o mundo, e de que “[...] Deus elege nações para cumprir projetos, e a nação americana é composta por uma raça de dirigentes destinados a governar o mundo” (JOURNAL OF THE GENERAL CONFERENCE METHODIST EPISCOPAL CHURCH apud MESQUIDA, 1993, p. 39).

² A junção dos princípios da universalidade da graça e da perfeição cristãs, frutos da fé e das obras é para Wesley a importante contribuição do movimento metodista para o pensamento teológico protestante. A doutrina da perfeição cristã, não aceita, por exemplo, o analfabetismo, uma vez que aprender a ler e a escrever e a contar são fundamentais para progredir na fé cristã.

Dessa forma, as missões mudam os hábitos bárbaros, ou seja, produzem consumidores e benefícios comerciais, mudam hábitos de consumo, criam necessidades, exigem manufaturas importadas de países civilizados cristãos, em suma, a ética protestante fornece alimento ao espírito do capitalismo. De acordo com o Bispo David Moore, em discurso cuja finalidade seria angariar fundos para as missões,

O resultado das missões e o resultado da propagação da civilização cristã será que o México, a América Central e as nações da América do Sul manterão relações conosco e colocarão o seu dinheiro nos centros financeiros norte-americanos (MOORE, 1898, p. 3).

Em terras brasileiras, aportaram os protestantes metodistas norte-americanos em 1835; no entanto, somente nas últimas décadas do século XIX, o metodismo criou raízes no Brasil, na região do Oeste Paulista, especialmente em Limeira, Piracicaba e Santa Bárbara.

A educação sempre fez parte dos projetos missionários do metodismo. A bibliografia acerca da educação metodista no Brasil (LOPES, 1978; NOVAES, 2001; MESQUIDA, 1993, 1994; BOAVENTURA, 1978; MESQUITA, 1992; SCHÜTZER, 2013; CORDEIRO, 2005) mostra que a criação de escolas não se deu exclusivamente pelo compromisso educacional e religioso, mas esteve efetivamente vinculada à ideologia do ‘destino manifesto’, por meio do qual “[...] a nação americana seria o povo escolhido por Deus para implantar uma alta civilização cristã, dentro dos princípios da liberdade e da democracia, e espalhar esta civilização pelo mundo” (NOVAES, 2001, p. 147).

No Brasil, os metodistas fundaram, em 1888, o *Colégio Piracicabano* (SP); em 1909, o *Instituto Central do Povo* (RJ); em 1918, o *Colégio Noroeste de Birigui* (SP); em 1920, o *Instituto Educacional de Passo Fundo* (RS) e o *Instituto Bennett* do Rio de Janeiro (RJ); em 1922, o *Colégio Centenário de Santa Maria* (RS); em 1923, o *Instituto Porto Alegre* e, em 1928, o *Instituto Americano* de Lins (SP). Ainda a esse respeito, Mesquida (1994, p. 19) afirma:

Este fenômeno educativo, que dimana de uma instituição religiosa e que traz em sua constituição estrutural uma história, uma cultura e a concepção de mundo de uma civilização diferente daquela do país receptor, representou um papel importante na história da educação brasileira, seja pela formação das elites, seja pela influência que exerceu sobre a sociedade como um todo.

Importante destacar que ao aqui chegarem, os metodistas traziam

consigo o apoio financeiro de sua denominação de origem, além da certeza de serem os escolhidos para ‘civilizar’ a nação brasileira.

Além da fundação dos colégios, o projeto civilizatório metodista previa alcançar a alma das crianças, por meio da criação de uma revista voltada a elas, a *Revista Bem-te-vi*, objeto deste artigo. Os princípios e as propostas dos missionários e educadores metodistas presentes na *Revista* expressam regras de conduta e de comportamentos sociais destinados aos membros da Igreja Metodista e aos demais leitores protestantes e revelam um verdadeiro compromisso com os valores republicanos presentes em diversas instituições e grupos comprometidos com a ordem política instaurada em 1889, sobretudo, com a ideologia individualista e com a crença no progresso sem perturbações da ordem (PANIZZOLO, 2004, 2006, 2011).

Para esta pesquisa, foram tomados, como objeto de investigação, os números publicados na década de 1930, que compõem rico material acerca das normas reguladoras de condutas das crianças protestantes, sobretudo das metodistas. A *Revista*, ao longo da década investigada, publicou 120 números com periodicidade mensal.

Ao longo da década de 1930, a Revista Bem-te-vi apresenta algumas seções que se mantêm na maioria dos números, tais como: Brinquedos e Jogos, Petiscos para os Bem-te-vistas, Quem é que sabe?, Tesouro das Coisas Novas e Velhas, Seção dos Pequeninos, Cartas a Zezinho, Vultos da Raça Negra, A Página dos Pais, No Mês de Janeiro. A catequese ficava restrita à seção chamada Pequeno Sermão, na qual pastores e bispos eram convidados a comentar textos bíblicos, dando destaque aos princípios religiosos metodistas.

Os textos impressos na *Bem-te-vi* estabelecem sua identidade à medida que se dirigem a um leitor-modelo dotado de uma singularidade que o distingue do leitor adulto. Os textos destinados ao público infantil usam expressões mais simples, conteúdos voltados aos supostos interesses das crianças e adotam personagens associados ao universo infantil e à imaginação das crianças, tais como fadas, príncipes e serviçais transcritos e interpretados, de acordo com os princípios morais protestantes, visando modelar o comportamento dos pequenos leitores.

Escritas em sua totalidade por adultos³, sobretudo mulheres, as seções da *Bem-te-vi* expressam genéricas expectativas adultas sobre os interesses das

³ Durante a década de 1930, a Revista teve como redatoras Nancy R. Holt (missionária), Adelina de Cerqueira Leite, Stella S. Racy, Julieta Martins, Alice Gerab (esposa de pastor), Celia Rocha Braga, Cecília de Cerqueira Gonçalves, Antonieta Gonçalves Gilioli e o Reverendo Vicente Themudo.

crianças, projetando particularmente as concepções metodistas para o mundo infantil.

Os textos em verso e prosa e as seções publicadas pela *Revista* divulgam, portanto, um modelo esperado de ser e viver a infância e de ser criança. Nesse sentido, as formações discursivas não apenas buscam modelar um olhar sobre a infância, mas, sobretudo, informar as práticas relativas ao cuidado e à socialização das crianças, normatizando seu processo de inserção social. A seguir, algumas capas da Revista (Figura 1).

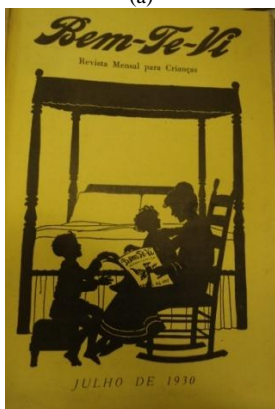
Figura 1 – Capas da Revista Bem-te-vi.



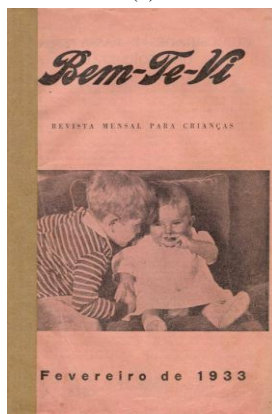
(a)



(b)



(c)



(d)

Fonte: (a) Revista Bem-te-vi (1930a), (b) Revista Bem-te-vi (1930b), (c) Revista Bem-te-vi (1930c), (d) Revista Bem-te-vi (1933).

A Revista Bem-te-vi e a formação do caráter e da moralidade das crianças

O conceito de infância foi sendo construído e definido ao longo do percurso da história do Ocidente (ARIÈS, 1981; HEYWOOD, 2004). Em seu polêmico estudo, *História social da criança e da família*, Ariès (1981) afirma que o mundo medieval ignorava a infância e que essa descoberta deveria esperar por alguns séculos. O autor toma a sociedade medieval como ponto de partida para afirmar que, até o século XVII, o sentimento da infância não existia, ou seja, não havia a consciência a respeito da particularidade infantil. Daí que, apesar de sempre ter havido crianças, seres biológicos pertencentes à geração jovem, nem sempre existiu infância, categoria social de estatuto próprio.

De acordo com Becchi e Julia (1998), a consciência social da infância começou a emergir com o Renascimento, para paulatinamente se consolidar como categoria a partir do século das luzes. A construção histórica da infância foi o resultado de um processo gradual de produção de representações sobre as crianças, de estruturação e sistematização de seus cotidianos e de criação de instituições a elas destinadas.

O reconhecimento da infância sustentou um novo *status* para a criança, caracterizado por sua centralidade na família, posição que lhe assegurava todo tipo de investimento: econômico, afetivo e educativo. Esse investimento, como afirma Perrot (1999), não se dirigia necessariamente à criança em suas especificidades, singularidades, desejos e necessidades, mas, sim, aos interesses do coletivo, ou seja, da família e da nação. Entre a criança e a família se organiza uma série de discursos que pretendem proteger, educar e disciplinar a infância.

Esse reconhecimento da infância também se manifesta no Brasil, ainda que posteriormente. Os ideais dos republicanos paulistas espelhavam-se nos princípios da Revolução Francesa e buscavam “[...] construir um homem novo, remodelar o cotidiano através de uma memória” (PERROT, 1999, p. 93). Daí a importância atribuída às relações entre o Estado e a sociedade civil, entre o público e o privado, entre o coletivo e o individual. Se, por um lado, o *laissez faire*, predominava no pensamento econômico desde o século XVIII, por outro lado, o pensamento político tornava-se marcado pela preocupação com a delimitação de fronteiras e com a organização dos interesses privados, atribuindo, assim, relevância à família, que passa a ser vista como célula de base e instância reguladora.

A família, rede de pessoas unidas por um nome, um patrimônio material e simbólico, além de responsável pelo gerenciamento dos interesses

privados, é fundamental para o progresso da humanidade, para a preservação do regime republicano recém-implantado e para a disseminação da doutrina metodista.

O relacionamento entre mães e filhos esteve na alça de mira das lideranças metodistas. As seções da *Revista Bem-te-vi* procuram contribuir para o aprimoramento dessas relações, por meio do estreitamento de vínculos, além de dar importância aos modelos de conduta a ser seguidos. Para isso, a *Bem-te-vi*, na seção *Petiscos para os Bem-Te-Vistas*, apresenta receitas culinárias que visam atender ao gosto das crianças em geral, tais como: receitas de bolos, geleias, rolinhos, balas, entre outras. Geralmente, tanto o modo de fazer como as ilustrações da revista incentivam a criança a ajudar sua mãe na realização das receitas, estabelecendo, assim, direta ou indiretamente, uma aproximação maior entre mães e filhos. A seguir, um exemplo da Seção *Petiscos para os Bem-Te-Vistas* (Figura 2).

Figura 2 – Seção Petiscos para os Bem-te-vistas.

Petiscos para os Bem-Te-Vistas

BOLINHOS DE CHOCOLATE


½ chicara de manteiga
1 chicara de açúcar
1 ovo batido
½ chicara de leite
1 ⅓ chicara de farinha peneirada
2 colheres de chá de fermento
2 colheres (de sopa) de chocolate amargo em pó
¾ chicara de amendoas picadas

Bata bem a manteiga e o açúcar; acrescente o ovo batido; junte os ingredientes secos, alternadamente com o leite. Adicione finalmente o chocolate e as amendoas. Ponha ás colheradas em taboleiro untado e leve para assar durante dez minutos. Cubra com açúcar ou coberto de chocolate.

BOLINHOS DE MEL

2 ovos
1 chicara de mel
1 chicara de creme azedo (coalhada)
2 chicanas de farinha
2 colheres (de chá) de bicarbonato de sodio
½ colher (de chá) de sal
1 colher de chá de sumo de limão

Bata bem os ovos. Adicione o mel e o creme azedo e mexa bem. Peneire a farinha junto com o bicarbonato e o sal e acrescente gradualmente. Bata bem e acrescente o sumo de limão. Ponha em fôrminhas untadas, enchendo-as até a metade, e leve para assar em forno moderado, durante vinte minutos. Esta receita dá para vinte bolinhos pequenos ou para dez grandes. Se quiser enfeitá-los, polvilhe-os com açúcar branco enquanto estiverem quentes.



Maio 1936 : 105 :

Fonte: *Revista Bem-te-vi* (1936, p. 105).

Enfatizando a boa relação entre pais e filhos, e sua importância na formação das crianças, a *Revista Bem-te-vi* apresenta, na seção denominada *Seção dos Pequeninos*, a publicação de textos considerados mais simples, mas sempre com um caráter educativo, trazendo, em sua ilustração, a figura da mãe lendo as histórias para as crianças, como representação de uma forma de relação estabelecida entre pais e filhos.

Outro exemplo dessa preocupação encontra-se no texto publicado em 1934 denominado *As crianças mais velhas e o nenê*, que tem por finalidade orientar os pais sobre questões acerca do relacionamento entre irmãos mais velhos e irmãos mais novos. Nesse artigo, são descritos possíveis modos de agir quando se tem vários filhos, tais como pedir ajuda ao filho mais velho para os cuidados com os mais novos, ou, então, sobre como dar banho, vestir e segurar no colo; alerta, no entanto, que não se deve delegar às crianças responsabilidades, além das que conseguem realizar, e reitera que as mães nunca devem privar seus filhos de brincar.

A *Revista Bem-te-vi* investe na apresentação de um perfil de civilidade nos relacionamentos entre pais e filhos, por meio da valorização da obediência, do enaltecimento do trabalho e do estudo. Destacam-se, assim, na seção *A Página dos Pais*, textos que visam auxiliar na educação das crianças, oferecendo conselhos sobre como lidar com os filhos diante de diferentes situações. Nessa seção, encontram-se artigos que trazem informações sobre como reagir a determinados comportamentos dos filhos, alertas sobre a necessidade de a criança ter um tempo só para ela, indicações acerca das melhores formas de aplicar castigos e, por fim, orientações sobre como ensinar os filhos a enfrentar situações de perda. A seguir, um bom exemplo no excerto denominado *Bons e maus hábitos*:

[...] Chamamos a isso maus hábitos, a preocupação que eles nos causam fazem-nos esquecer que qualquer hábito é simplesmente um modo de conduta que se fixou pela repetição, e que tanto os bons como os maus hábitos advêm da prática. Uns precisam de castigos, ralhos, advertências ou prêmios para deixarem maus costumes. [...] Precisamos lembrar que o único modo de tirar 'um mau costume' é substituí-lo por um bom. [...] Em muitos casos a correção de maus hábitos começa pela nossa própria correção, pois sua conduta indesejável é nas mais das vezes copiadas diretamente de nós. Precisamos fazer o que realmente pregamos, pois são os nossos atos, e não as palavras, que mais diretamente influenciam o comportamento de nossos filhos [...]. (REVISTA BEM-TE-VI, 1936, p. 82, grifo do autor).

Os redatores da *Revista Bem-te-vi* destinam significativo espaço para o aprendizado da civilidade, buscando, no dizer de Revel (1999, p. 178), “[...]”

ao mesmo tempo, disciplinar as almas por meio de coerção exercida sobre o corpo e impor à coletividade das crianças uma mesma norma de comportamento sociável [...]”, o que se faz por meio da transmissão de valores como bondade, caridade, paciência, trabalho, respeito aos mais velhos, ao mesmo tempo em que se busca distanciar as crianças do orgulho, do apego aos valores materiais, da preguiça, da cobiça, entre outros sentimentos.

Uma historieta que retrata bem a presença do sentimento de caridade, como exemplo de comportamento a ser seguido, encontra-se na publicação de *A páscoa de Berta*, que narra a história de uma garota que todos os anos, na época da Páscoa, entregava ovos, pintinhos e coelhinhos de chocolate para as crianças hospitalizadas de um grande hospital, levando, assim, um pouco de alegria para crianças doentes.

As páginas da *Revista* são povoadas por crianças que sentem prazer ao praticar o bem ao próximo, em ajudar os mais necessitados, que, muitas vezes, de modo altruísta e generoso, se desfazem das próprias coisas em favor do próximo. O sentimento de responsabilidade para com seus pertences e suas obrigações para com os outros também são bastante divulgados, ou seja, além de boas atitudes, esperam-se da criança comportamentos, hábitos e valores significativos para a sociedade na qual está inserida. As histórias enfatizam ser necessário o conhecimento, o entendimento e a prática de bons comportamentos e virtudes para se viver bem, ou no dizer de Revel (1999), as historietas visam, sobretudo, moldar a criança para a necessidade de um código geral de civilidade.

Na seção *Tesouro das Coisas Novas e Velhas*, são apresentados antigos ensinamentos que não perderam seu valor na educação das crianças e dos adultos. A intenção dessa seção é fazer com que as crianças reflitam sobre os ensinamentos e os perdurem, reconhecendo-os como tesouros da boa formação das pessoas, independentemente de suas idades. A seguir, um exemplo:

Para ser rico não basta aprender como se adquire, mas é preciso, além disso saber poupar e conservar [...] Envergonhais-vos de vos achardes na ociosidade, quando tendes tanto que fazer em vosso benefício, da vossa pátria e vossa família [...]. (REVISTA BEM-TE-VI, 1934, p. 2).

A *Revista* publica ainda textos curtos apresentados em apenas um número, contendo sempre um aprendizado, um exemplo de bom comportamento, uma lição ou propondo uma reflexão para seus pequenos leitores. Propaga, desse modo, os valores defendidos pelos metodistas como

essenciais para a formação das pessoas, tais como: a obediência, a valorização do trabalho e do estudo, os cuidados higiênicos, o exercício da caridade, o respeito aos pais e amigos, e a amizade entre irmãos.

A *Revista* pretende extirpar comportamentos indesejados e, no lugar, substituí-los por virtudes como temperança, laboriosidade, justiça, moderação, asseio, tranquilidade, humildade, polidez e delicadeza. Como retrato dos bons modos que uma boa criança deveria ter, o poema *Polidez* é exemplar:

POLIDEZ

Que menino é Rafael!

Faz sempre as coisas direito.

Todo o mundo diz assim:

‘É cavalheiro perfeito!’

Pela manhã lava o rosto,

Limpa as unhas e o nariz,

Escova os dentes, a roupa

E é desses que sempre diz:

‘Faça o favor’, ‘Obrigado’

Tem um modo delicado

De cumprimentar a gente;

Sempre está pronto a ajudar.

Parece viver contente.

Quem, pois, não há de amar?

(REVISTA BEM-TE-VI, 1931a, p. 15).

O poema acima pode ser compreendido à luz do que Elias (1994) assevera acerca da não naturalidade das atitudes impostas pela sociedade às crianças. Assim, quanto mais natural o padrão de delicadeza e vergonha parecer aos adultos e “[...] quanto mais o controle civilizado de ânsias instintivas é aceito como natural, mais incompreensível se torna para os adultos que as crianças não sintam ‘por natureza’ essa delicadeza e vergonha” Elias (1994, p. 168). Dessa forma, são várias as seções, os artigos e os poemas em que são apresentadas as virtudes a serem incorporadas pelas crianças com vistas a desenvolver o autocontrole, como esclarece Elias (1994, p. 153):

[...] a tornar automático o comportamento socialmente desejável, uma questão de autocontrole, fazendo com que o mesmo pareça à mente do indivíduo resultar de seu livre arbítrio e ser de interesse de sua própria saúde ou dignidade humana.

Além da não naturalidade de tais atitudes, como alerta Choppin (2002), provavelmente, não expressam comportamentos usuais; ao contrário, tem por finalidade criá-los, transformando a sociedade pela transformação dos indivíduos. Nesse sentido, pode-se dizer que a visão de infância e de crianças veiculada pela *Revista* é idílica, expressando a imagem desejada em lugar da realidade observada, a imagem de uma criança forte, saudável, estudiosa, adaptada ao ambiente familiar, escolarizada, religiosa, regrada, bem-comportada, higiênica.

Por vezes, a estratégia editorial é menos diretiva e apresenta exemplos de que a não vivência prática das virtudes pode resultar em punições. Assim, os bons costumes são, pouco a pouco, impostos às crianças, obrigando-as a reprimir seus desejos impulsivos, vândalos, fracos e vingativos, substituindo-os pela prudência, bondade e sinceridade. Ainda mais uma vez, recorre-se a Elias (1994, p. 134):

Uma vez que a pressão e coação exercidas por adultos individuais são aliadas da pressão e exemplo de todo o mundo em volta, a maioria das crianças, quando cresce, esquece ou reprime relativamente cedo o fato de que seus sentimentos de vergonha e embaraço, de prazer e desagrado, são moldados e obrigados a se conformar a certo padrão de pressão e compulsão externas.

Ao longo das seções, as mães são as figuras-chave do projeto metodista, e a elas compete a responsabilidade em garantir e zelar pela transmissão de valores ligados à civilidade e à cidadania, o que aponta para a concordância entre metodistas e o Estado em reger o espaço familiar, conforme alerta Perrot (1999, p. 105):

A boa família é o fundamento do estado e, principalmente para os republicanos [...], existe uma continuidade entre o amor à família e à pátria, instâncias maternas que se confundem, e o sentimento de humanidade. Daí o interesse crescente do Estado pela família: em primeiro lugar pelas famílias pobres, elo fraco do sistema, e a seguir por todas as outras.

A *Revista* exprime a plena confiança na educação doméstica, por meio de histórias nas quais, imitando e obedecendo aos pais, as crianças se comportariam de acordo com a doutrina cristã, ao mesmo tempo em que apreenderiam modos e costumes que as converteriam em cidadãos republicanos.

A *Bem-te-vi* constrói várias analogias entre a criança e a pátria, sendo a boa formação da primeira compreendida como condição necessária para a

construção da grandeza da segunda. Após a bondade com o próximo, a caridade com os necessitados, a honestidade e a responsabilidade com as coisas, a criança não pode deixar de aprender o valor do respeito à pátria. Na *Bem-te-vi*, as crianças são conclamadas a se comportarem, de modo a levar o país à prosperidade:

Nós comemoramos o feriado nacional, disse o banqueiro, quando cada menino e cada menina na nossa cidade experimentam torná-la uma cidade limpa, quando eles experimentam fazê-la uma cidade segura, quando tenta fazê-la uma cidade próspera, quando experimentam fazer dela uma cidade saudável. (REVISTA BEM-TE-VI, 1931b, p. 13).

No Brasil, a lenta transformação que promoveu a substituição dos valores relacionados à sociedade patriarcal, tradicionalista e escravocrata por outros valores ligados à sociedade burguesa moderna incluía a representação da infância como futuro da nação e vem no bojo de projetos que almejavam empreender uma regeneração nacional. O conceito de regeneração, bastante presente no processo revolucionário francês, pouco a pouco adquiriu outros significados: “[...] um programa sem limites, ao mesmo tempo físico, político, moral e social, que não pretendia menos do que criar um novo povo” (OZOUF, 1989, p. 815).

Na apropriação feita pelos republicanos no Brasil, entre fins do XIX e início do XX, a regeneração traduzia-se em um processo de aburguesamento que modificou a paisagem urbana, as relações sociais e econômicas, criando novos hábitos, costumes e ideias. O cenário nacional nos primeiros anos republicanos era povoado por diversas personagens: homens doentes, improdutivos e indolentes, vagando pelo país; uma população urbana resistente ao trabalho, ou, ao menos, à forma de trabalho considerada salutar pelos patrões; um contingente significativo de imigrantes tidos como fomentadores de greves e conturbações sociais.

A leitura dos textos publicados na *Revista Bem-te-vi* demonstra a solidariedade ao projeto republicano de construção de um homem novo, com valores, sentimentos e comportamentos a serem ainda inculcados, e que podem ser identificados como burgueses. Na condição de ser social, a criança passava a representar “[...] o futuro da nação e da raça, produtor, reproduzidor, cidadão e soldado do amanhã” (PERROT, 1999, p. 148).

A *Bem-te-vi* dedica ainda espaço para a publicação de longas histórias divididas em capítulos e narradas em vários números, bem como de poemas, ambos voltados às datas comemorativas, tais como: Dia das mães, Dia dos pais, Dia das crianças, Natal etc., enaltecendo o valor da referida data à Pátria e os comportamentos adequados em cada uma delas.

Além da inculcação de valores e atitudes, a *Revista Bem-te-vi* preocupava-se com uma formação mais generalista e enciclopédica de suas crianças. Na seção *Quem é que sabe?*, a *Revista* dedica-se à publicação de perguntas para serem respondidas pelas crianças, oferecendo somente no número seguinte as respostas, como estratégia para instigá-las a querer o próximo número da revista. São perguntas relativas a animais e seus costumes, à música, às disciplinas de História e Geografia, assim como experimentos da disciplina de Ciências e questões de Matemática e Lógica, fatos marcantes do teatro e cinema, às características e aos valores nutricionais de frutas e legumes, aos significados de palavras ou expressões, às regras ou descrições de jogos tradicionais, à localização de países, estados e capitais nacionais ou internacionais, entre outros temas.

Na seção *Cartas a Zezinho*, a *Revista* publica cartas escritas por uma senhora a seu filho. A senhora estaria fazendo uma viagem ao redor do mundo com seu marido e filha, e a cada carta, descreve ao filho a cultura e as características do lugar visitado, como uma forma de ensinar o garoto. Dessa maneira, a *Bem-te-vi* tem a intenção de divulgar ao seu público diferentes culturas e costumes encontrados pelo mundo afora. Descreve, assim, mediante cartas, características das pessoas e de lugares como Havaí, Japão, Egito, Jerusalém, como exemplificado a seguir:

Meu querido Filhinho,

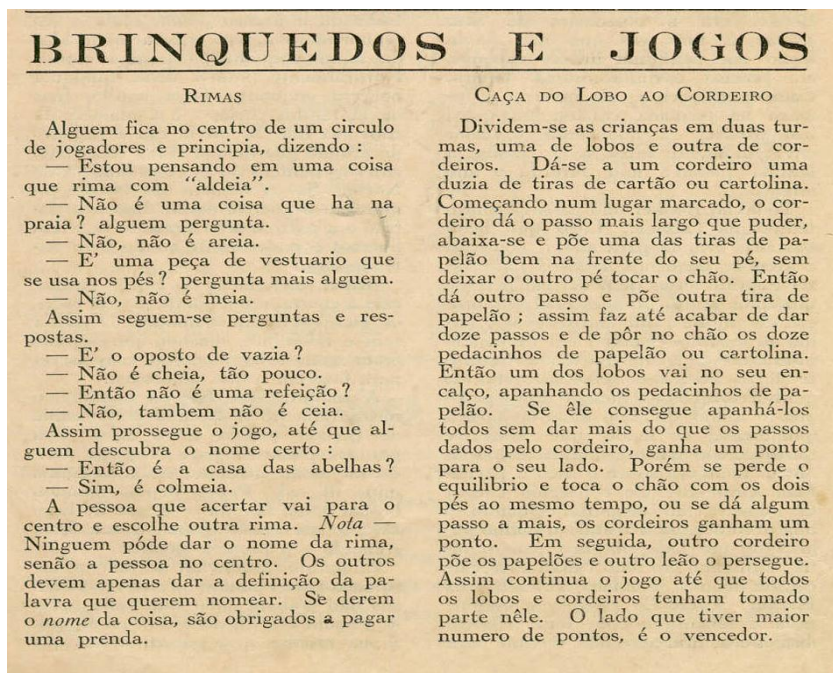
Quando saímos do navio em Honolulu na manhã de Natal, nossos amigos vieram nos esperar e puseram bonitas grinaldas de flores naturais em volta de nosso pescoço. Essa é a maneira havaiana de saudar alguém, e as grinaldas chamam-se 'leis'. Eu ganhei uma 'lei' de cravos perfumosos, uma roxa muito bonita, e uma do fruto da árvore de lauhalla, que parecia um colar de grandes contas de madeira, amarelas. [...] Devo terminar, agora, meu bem, mas na minha próxima carta vou contar-te a respeito do resto de nossa visita a Hawaii e Honolulu. Beijos da Mamãe. (REVISTA BEM-TE-VI, 1933, p. 33-35, grifos do autor).

A escolha pelos países e culturas teria como critério o pitoresco? Ou, ao contrário, recairia em culturas cujos valores pretendiam-se enaltecer e inculcar nas crianças brasileiras?

A *Bem-te-vi*, na Seção *Brinquedos e Jogos* (Figura 3), retira a figura do adulto do texto, elegendo a criança como seu leitor privilegiado. A seção é composta por propostas de brincadeiras e jogos, descrições detalhadas do número de participantes, das regras e das informações sobre as melhores formas de brincar e até o tempo previsto para a realização. As brincadeiras apresentadas são sempre de fácil aprendizagem, dirigidas diretamente ao

público infantil, e sua realização, na maioria das vezes, se dá sem custo algum, e sem requerer a presença de um adulto.

Figura 3 – Seção Brinquedos e Jogos.



Fonte: Revista Bem-te-vi (1933, p. 41).

As brincadeiras propostas por essa seção buscam estimular a melhor relação entre as crianças, por meio de propostas que incentivam as brincadeiras em grupos, favorecendo, assim, a aprendizagem acerca de perder ou ganhar, e como lidar com essa questão. Estaria aqui a intenção de ensinar e valorizar a obediência às regras e ao autocontrole como elementos necessários à vida societária?

Provavelmente, a valorização dos jogos e das brincadeiras presente na *Revista Bem-te-vi* deva-se à presença da cultura norte-americana; no entanto, é possível também cogitar a hipótese de que essa preocupação em ensinar a brincar aponte para a ideia de que a brincadeira não é algo natural. Ao ensinar a brincar e valorizar a brincadeira com o outro, a *Revista* talvez a compreendesse como um processo permeado pelas relações interindividuais e, portanto, cultural.

De acordo com Reis e Iturra (1989, p. 15), as brincadeiras e os jogos permitem o desenvolvimento de certas capacidades e habilidades que permitirão ao sujeito inserção ativa em seu grupo social, inclusive, o aprendizado para o trabalho:

[...] parte do conjunto de idéias com que se aprende a gerir a vida social: bem como um processo contínuo que muda de conteúdo, do nascimento até a morte de cada indivíduo e que não se pode separar analiticamente do seu contexto, sob o risco de não se entender a sua funcionalidade: o jogo é uma acumulação de saber que dinamiza a vida do indivíduo em sociedade. (REIS; ITURRA. 1989, p. 15).

Além disso, a existência de tal seção indica ainda a preocupação com o que Fernandes (1947) denominou como o processo de socialização dos imaturos, por meio de situações reguladas pela vida social da infância.

Considerações finais

No Brasil, desde o final do século XIX e ao longo das primeiras décadas do século XX, os republicanos construíram e difundiram uma imagem de criança idealizada, procurando incorporá-la à ordem social, por meio do trabalho regular e da instrução. A esse projeto somaram-se as vozes e o empenho dos missionários e educadores metodistas, que, por meio da divulgação de padrões de conduta, de comportamentos e hábitos, procuravam incessantemente compor uma ordem social alicerçada em princípios condizentes com os desígnios divinos e com uma vida terrena moderna e civilizada.

A *Revista Bem-te-vi* veicula mais um de tantos projetos em circulação e em disputa que pretendem civilizar as crianças. Ainda que divergentes entre si, os projetos laicos ou religiosos, os projetos liberais ou positivistas apresentam em comum a necessidade de moldar a infância para a modernidade. O projeto dos metodistas veiculado na *Revista Bem-te-vi* espelha a opção das igrejas reformadas de, ao se comportarem como braço avançado do projeto de disseminação da cultura norte-americana como modelo para o homem novo, eliminarem qualquer intento de buscar tal construção pela via revolucionária.

O caminho para a tão propalada modernidade se deu pela centralidade da criança (não é por acaso que a revista as tem como público alvo), pelo respeito às normas higiênicas, pela disciplinarização do corpo e da mente das crianças (por meio da civilização de hábitos e condutas) e pela valorização do ato de observar na construção do conhecimento das crianças. Dessa

forma, produzia-se o homem novo nos antigos pilares de sustentação da Igreja.

O estudo da *Revista Bem-te-vi* possibilitou a análise das várias seções que a compõem. A revista é sempre permeada de mensagens acerca da conduta dos leitores infantis, apresentadas direta ou indiretamente, em normas prescritivas de comportamento e modelos de atitudes a serem tomados diante de situações cotidianas das crianças com seus pais, irmãos, amigos, professora etc. Prescrições compreendidas como importantes para a formação geral das crianças, mas, acima de tudo, fundamentais para a formação religiosa, do caráter e da moralidade.

Ao ler e reler as páginas da *Revista Bem-te-vi*, suas seções e ilustrações, observa-se uma idealização da infância, por meio da preocupação constante em divulgar uma imagem de criança corajosa, sincera, respeitosa, amorosa e, principalmente, bondosa, obediente e digna.

Pode-se afirmar que a *Bem-te-vi* espelha um pensamento protestante, metodista, ao mesmo tempo republicano e liberal, imbuído de um conjunto de princípios norteadores da ordem e do progresso, fundamentais para a conversão da criança em cidadã moderna, civilizada e cristã. Os novos costumes são, assim, pouco a pouco, impostos às crianças, obrigando-as a reprimir seus desejos arrebatados, selvagens e débeis, e substituindo-os pela honestidade, serenidade e temperança. Dessa forma, ao mesmo tempo em que alcançam os princípios pautados em virtudes, condutas e comportamentos valorizados pelos homens, progridem rumo aos desígnios divinos.

O projeto civilizatório impresso nas páginas da *Revista Bem-te-vi* esteve firmado na fé. Não apenas na fé como crença, na fé no Deus cristão, mas também na fé na nação norte-americana, nas suas instituições políticas, culturais e econômicas, na superioridade de seu povo, na eleição de sua nação por Deus. Essa fé civilizatória, tomando de empréstimo a expressão utilizada por Novaes (2003), esteve entrelaçada à razão, unindo, em um mesmo projeto, fé, espírito investigativo, disciplina pessoal e ética. Provavelmente, aqui reside o triunfo do projeto civilizatório metodista.

A *Bem-te-vi* marcou, de forma clara, o intento de construir, de criar, na infância brasileira, nos novos brasileiroinhos, os alicerces do progresso, da moralidade, da civilidade do povo anglo-saxão, como forma de transformação calcada na ordem e na evolução social.

Por certo, esta ação formadora e conformadora do indivíduo ultrapassava as páginas da *Revista*. Sob o lema “Eu vejo em cada criança a possibilidade do homem perfeito [...]” (EPPS, 1926, p. 108), a redatora da

Revista conclamava, por um lado, a responsabilidade dos pais quanto à formação do caráter de seus filhos e, por outro, a responsabilidade da Igreja, sobretudo da Escola Dominical, com a santificação de seus fiéis rumo à perfeição cristã, a ser alcançada por meio das leituras, reflexões e atitudes propostas pela *Bem-te-vi*.

Referências

ALMEIDA, V. O metodismo e a ordem social republicana. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n. 1, p. 41-60, 2003.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BECCHI, E.; JULIA, D. (Org.). *Histoire de l'enfance em Occident*. Paris: Du Seuil, 1998. 2 v.

BOAVENTURA, E. *A educação metodista no Brasil: origem, evolução e ideologia*. 1978. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1978.

CARVALHO, M. M. C. *A escola e a República e outros ensaios*. Bragança Paulista: Edusf, 2003. (Estudos CDAPH – Série historiografia).

CHOPPIN, A. O historiador e o livro escolar. *História da Educação*, Pelotas, v. 6, n. 11, p. 5-24, abr. 2002.

CORDEIRO, A. L. Religião e projetos educacionais para a nação: a disputa entre metodistas e católicos na Primeira República brasileira. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 110-124, dez. 2005.

ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.

EPPS, L. F. Bem-te-vi: revista para crianças. *Revista Bem-te-vi*, São Paulo, ano IV, n. 4, p. 108, abr, 1926.

FERNANDES, F. As 'trocinhas' do Bom Retiro. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, Ano XII, v. CXIII, p. 10-124, mar./abr. 1947.

HEYWOOD, C. *Uma história da infância: da idade média à época contemporânea no ocidente*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LOPES, S. M. P. *As instituições de ensino no metodismo: fatores de sua criação*. 1978. 227f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1978.

MENDENHALL, J. W. God's hand in our nation's history. *The Methodist*

Review, New York, v. LXXV, p. 459-466, May/June.1893. Fifth series, v. IX.

MESQUIDA, P. Metodismo e educação no Brasil: formar elites e civilizar a nação. *Revista de Educação do COGEIME*, Piracicaba, ano 1, v. 2, n. 2, p. 29-50, 1993.

MESQUIDA, P. Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil. Juiz de Fora: EUFJF/EDITEO, 1994.

MESQUITA, Z. C. C. *Educação metodista: uma questão não resolvida*. 1992. 285f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1992.

MOORE, D. The horizon. *Western Christian Advocate*, Cincinnati, v. 65, p. 3-4, July 1898.

NOVAES, J. L. *Protestantismo e educação: metodistas e liberais na Primeira República*. 2001. 247f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Teologia, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2001.

NOVAES, J. L. Escola, liberalismo e educação metodista no Brasil. *Revista de Educação do COGEIME*, Piracicaba, ano 12, n. 22, p. 105-126, jun. 2003.

OZOUF, M. Regeneração. In: FURET, F. (Org.). *Dicionário crítico da Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

PANIZZOLO, C. Estudo de periódicos: possibilidades para a história da educação brasileira. In: MARIA, C. M. (Org.). *Educação, memória, história: possibilidades, leituras*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 401-450.

PANIZZOLO, C. *João Köpke e a escola republicana: criador de leituras, escritor da modernidade*. 2006. 358f. Tese (Doutorado em Educação)-Programa de Pós Graduação em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

PANIZZOLO, C. Civilizar, educar e instruir: a infância impressa nos livros de leitura. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPUH-SP, 2011. v. 1. p. 1-15.

PERROT, M. Os atores. PERROT, M. (Org.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Tradução Denise Bottman e Bernardo Joffely. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 89-304.

REIS, F.; ITURRA, R. *A aprendizagem para além da escola: o jogo infantil numa aldeia portuguesa*. Guarda: Associação de Jogos Tradicionais, 1989.

REVEL, J. Os usos da civilidade. In: ARIÈS, P.; CHARTIER, R. (Org.). *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 169-210.

REVISTA BEM-TE-VI, Ano VIII, n. 2, fev. 1930a.

REVISTA BEM-TE-VI, Ano VIII, n. 5, maio 1930b.

REVISTA BEM-TE-VI, Ano VIII, n. 7, jul. 1930c.

REVISTA BEM-TE-VI, Ano IX, n. 1, jan, 1931a.

REVISTA BEM-TE-VI, Ano IX, n. 11; nov. 1931b.

REVISTA BEM-TE-VI, Ano XI, n. 2, fev. 1933.

REVISTA BEM-TE-VI, Ano XII, n. 5, maio, 1934.

REVISTA BEM-TE-VI, Ano XIV, n. 5, maio 1936.

ROMERO, S. *Provocações e debates: contribuições para o estudo do Brazil Social*. Porto: Livraria Chardron, 1910.

SCHÜTZER, D. B. *Hegemonia e civilização na educação metodista*. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/nais/anais7/Trabalhos/xHegemonia%20e%20civilizacao%20na%20educacao%20metodista.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2013.

SOKOLOSKI, M.; MALUSÁ, S. Bem-te-vi: uma renovação na literatura infantil brasileira. *Revista Brasileir de Ciências da Comunicação. INTERCOM*, São Paulo, v. XIX, n. 2, p. 61-76, jul-dez. 1996.

SUPER, O. B. The mission of the Anglo-Saxon. *The Methodist Review*, New York, v. LXXII, p. 853-867, Nov. 1890. Fifth series, v. VI.

Endereço para correspondência

Av. Monteiro Lobato, 679

Bairro Macedo

CEP 07112-000

Guarulhos - SP

E-mail: claudiapanizzolo@uol.com.br

Recebido em: 17 jun. 2013

Aprovado: 13 maio 2014

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.